

A Arquitectonalidade da Psicogeografia ou os Hieróglifos da Deriva

Hakim Bey

(*in memoriam Guy Debord*)

Obscuras e misteriosas *grutas* nas quais eles entram, imitando serpentes – espaços de regresso a uma intimidade que ”há muito, muito tempo” foi estilhaçada pela memória – pela simultânea reiteração e lentidão da memória – essa faculdade da consciência humana ”próxima do divino”. Mas não se diz que ”perdoar é humano, esquecer é divino”? Na reiteração ritual ou na lembrança (*dhikr*) (1) dos sufis, esquece-se o ”eu” precisamente para anular o Eu; – deste modo re-lembrar é anular a separação, e este apagamento é uma espécie de esquecimento. (Em certos edifícios chave Islâmicos, como o Alhambra, a reiteração do *dhikr* como texto caligramático, torna-se na própria definição do espaço construído como um dispositivo mnemónico ou ”Palácio da Memória-- não ornamento, mas a própria base ou o princípio-da-precipitação-dos-cristais da arquitectura.)

”Desde que nós *somos* Jesus Cristo” como anunciou um dos Irmãos do celebrado livre Espírito, ”a única questão é que aquilo que já é perfeito em nós, deve ser reiterado...”. Este processo, todavia, conduz a uma paradoxal des-aprendizagem – e por isso à perda do *medo* – assim, uma pessoa pode ”deixar-se conduzir pelos seus sentidos, como uma criança”. Assim, a caverna representa a inconsciência; – o objectivo, contudo, não é perder a inconsciência mas recapturar aquilo de que a inconsciência nos separou, aquilo que a consciência ”deturpou”. Deste modo, dentro da própria gruta negra da memória, devem ser paradoxalmente inscritos – imagens-chave são reiteradas (literalmente repetidas em alguns casos como num palimpsesto ou por incisivos desenhos sobrepostos) – imagens que representam perda de intimidade, como um panteão de *animais* (”com os quais é bom pensar”) (2) – cada animal uma graça especial ou uma função ”divina”. Assim, a caverna torna-se no primeiro espaço arquitectónico intencional, a intersecção da inconsciência (a beatitude da ”Natureza”) e consciência (memória, reiteração).

Desde Platão, fomos ensinados a venerar a *anamnese* – mas recuemos à caverna pré-Platónica, a gruta paleolítica, para recuperar a dialéctica positiva da *amnésia* – sem a qual a memória se torna simplesmente numa maldição, coagulando por fim como História (o grau zero da memória como asfixia): a primeira cidade (Çatalk Hüyük) já se estrutura em *grelha*, a própria antítese da estética da gruta disforme, com os seus meandros e espaços extraordinários, estalactites e estalagmites fundidas – a sua organicidade (que se expressa em todo o caso como *vida mineral*). As cidades de Sumer e Harapa que foram igualmente delineadas como grelhas rígidas, abstrações cruéis de linearidade. Desenhar uma linha é separar, criar uma hierarquia espacial (entre sacerdote e povo, ricos e pobres, excesso e excashez) e para definir o topia da memória contra o obscuro inconsciente da

tribo, a caverna utópica, a organicidade selvagem. Aqui, o *tertium quid* ou *coincidentia oppositorium* (entre "gruta" e Babilónia) pode aparecer na cidade medieval (que sobrevive ainda em alguns lugares do mundo Islâmico) onde a excessiva crueldade da grelha é apaziguada – não apagada, mas atenuada – pelo registo de um espaço em consonância com o modelo de uma árvore ou do delta de um rio (caótica bifurcação oscilando com complexidade baseada em "atractores estranhos" (3) intra-dimensionais) – um urbanismo do orgânico, da estética, e do complexo ou plural (por oposição ao inorgânico, ideológico, e simples ou total).

A cidade medieval é uma gruta por extrusão. Algumas destas cidades introduziram sumptuosos cortejos alegóricos ou paradas, nas quais grandes complexos de símbolos (composições de hieróglifos) eram construídos e dispostos ou transportados pelo labirinto de ruas. Mitos e lendas eram encenadas – por vezes o Senhor Feudal desempenhava o papel de "Senhor Feudal", vagueando por um palco de ruas, com personagens simbólicas (como Bloom em Nighttown), renovando assim a Cidade como o seu Herói de eleição, submetido à iniciação do casamento ritual com a deusa urbana.

Aqui a Cidade Livre adquire uma consciência sincrónica e lúdica de si mesma *hic et nunc*, em vez de sucumbir ao diacronismo miserabilista da violência do poder. Nesta Cidade Hermética encontramos o passado/a origem ou o ventre materno dos Livros Simbólicos alquímicos, e a narratividade de um Bosch ou Breughel. Aqui, a memória perde o seu peso e assume um aspecto folclórico, carnavalesco (o festival como reiteração do prazer) com formas construídas que se apropriam (através do desenho ou através dos acidentes de declínio e acreção) das formas de seios, falos, ventres, pedras e água, musgo e flores, até de água e luz.

A cidade-grelha babilónica quer que a memória persista através dos tempos – tempo suave e vazio – mas como mostrou Dali, a memória *persiste* apenas na deliquescência do tempo medido. A cidade medieval – hermética (como a Green Jerusalém de Blake) preserva a memória mas de uma forma "desordenada" – como *compota akashic* (4) – tempo que é texturado e cheio. "Babilónia" preserva a ordem (ou *algo mais!*) – mas o que acontece aí à memória? Não foi transmutada no venenoso formaldeído da História, o re-iterado da *nossa* pobreza e do poder *deles*, mito taxinómico da classe dirigente? Quem nos pode criticar por albergarmos quer um desejo de insurreição e nostalgia das estreitas e ventosas alamedas, escadas sombrias, ruas cobertas e túneis, estrumeiras e adegas de uma cidade que se projetou *a si própria* – organicamente, incoscientemente – numa estética de festiva e secreta convivialidade, e da curvilínea mutabilidade neguentrópica da própria memória?

O urbanismo psíquico dos anos 60 constituiu uma outra tentativa de recuperação da *memória construída* para este projecto "Romântico" – *rus in urbe* – como enunciou F. Law Olmstead – "O campo na cidade" – a reintrodução do eterno "barroco" (como na "pérola barroca") (5) ou forma espontânea – (como as miraculosas grutas fungiformes de cinábrio do Taoísmo Mao Shan, criadas pela energia Imaginal do Perito – que é também a "divina" espontaneidade, inconsciência e *esquecimento* da natureza. Um projeto para os construtores de uma No Go Zone (6) do futuro próximo: – a cidade da resistência psicogeográfica, da anti-grelha, da arquitectonalidade da deriva, o espaço de festa – e a Caverna da Memória Fluída. Pedra e água – o devaneio do bardo, o esquecimento dos deuses.

Notas

1. O "chamamento"; a invocação do nome de Deus; em algumas confrarias místicas, prática ritual de busca colectiva do extase. (N.T.)
2. Ver Levi-Strauss, O Totemismo Hoje, Perspectivas do Homem/Edições 70, Lisboa (p.114): "Compreende-se enfim que as espécies naturais não são escolhidas (como tótemes) por serem 'boas para comer' mas porque são 'boas pra pensar'." (N.T.)
3. No estudodos sistema dinâmicos um atractor é um ponto, curva ou espaço para onde todas as trajectórias são conduzidas. Um atractor estranho é um atractor sobre o qual as trajectórias vizinhas divergem uma da outra e que tem dimensão fractal. (N.T.)
4. Akashic tem origem no Sânscrito akasa que se refere a uma essência indeterminada como espaço ou éter. Na teosofia refere-se a um sistema de armazenamento universal que regista qualquer pensamento, palavra ou acção que ocorreu desde o inicio do universo. Os registos são feitos numa substância, designada por akasha ou éter sonoro. A palavra akasha tem origem em duas palavras tibetanas: aka, espaço ou lugar de armazenamento e sa-ski, secreto ou oculto. (N.T.)
5. Tipo de pérola com forma irregular. (N.T.)
6. <http://www.hermetic.com/bey/nogozone.html> (N.T.)

Traduzido por Duarte Soares Lema e Sofia Pereira da Silva
Revisado por Bruno Cardoso